

“[...]

Especulação

a retaliação do vôo
em etapas.

Especialização

a divisão do sol
nas cores
do espectro.

Método o uso certo
do Absurdo.

Filósofo o que o absorve
e o faz:

Conspícuo.”

Zulmira Ribeiro Tavares

“Dióptrica” in: *Termos de comparação*.

São Paulo, Perspectiva, 1974, pp. 99 e 100.

Há aqueles que acreditam demais em si mesmos: esses, ensimesmados, dizem “bom-dia” como que em nota de rodapé. A referência é sempre a expectativa e, a expectativa, aquilo que já não podemos ter. Houve tempos em que valia o bordão: “perco um amigo mas não perco a idéia” E haverá quem diga: *os tempos são outros...* Há, ainda, os que reclamam o discreto charme das entrelinhas; mas ressalva a poeta: “*entrelinhas: o que hesita no caminho entre ar marinho e marasmo*” “O rio Pinheiros existe realmente, ou apenas em nossos pensamentos?” E como um riso largo, o rio Pinheiros transborda, e nos quer engolir. Espectros rondam a *fazenda modelo* — quem ousará dizer nomes? Mas nomes são apenas nomes... Segundo a desordem das paixões: dois e dois não podem ser mais que dois e dois, espécie de *swing* filosófico.

“Como chegaram ao consenso sobre o nome dissenso?” Uma vez não havendo acerca das letras consenso, optou-se pelo “espírito da coisa”, e daí o dissenso; antes um *clima* que uma posição. Menos uma escolha que uma sugestão. Codnome incerto, diante de tantos nomes *emplastados*.

Alguns, porém, desacostumados a maremotos e terremotos, cantam: “saltemos por sobre nossas próprias sombras.” Outros: “Ah, os estudantes são *sempre* estudantes.” No entanto, fugindo ao evangelho das dualidades sofridas, estudantes antes de mais nada, os colecionadores de figurinhas e seus álbuns sempre incompletos, estaremos noutros tempos —outro o capitalismo, outro o Brasil cada vez mais *imergente* em suas contradições — e o que poderemos *arrancar* da filosofia?

Os deserdados da *cura napoleônica* — figurinhas à parte —, menos amigos da diferença que — notem o tom! — perscrutadores de alteridades insupeitadas, os *jovens* de aqui, diante das seduições da caverna, cavam os túneis das disciplinas. O que encontraremos não é certo. Já aos programáticos, ficam as páginas em branco para que deponham sua *linhas* ou *hesitações*, num rito ainda imaginável em busca do dissenso perdido. Mas para além das filiações imaginadas, sabemos que todo gesto toma um tom involuntário de paródia quando não reconhece a si próprio. Aliás, na escola, paródia de tradições subterrâneas, casulo de “gerações”... *imponderáveis*, há os que pisam devagar o chão dos corredores, com medo de acordar as classes *em aula*; e ainda, os que, suspeitando de si, sempre que dizem “bom-dia” lembram da velha piada: “era uma vez um professor... alemão e... etc.” Estes, com uma *técnica* invejável, cumprimentando uns que *praguejam*, aplicam um piparote e... vão.